# A IGREJA DOS POBRES, QUE TAMBÉM EVANGELIZA OS RICOS

## (*QUIS DIVES SALVETUR?*)

Domingos Zamagna

### Pe. Comblin, um apaixonado pelo Evangelho

Os que conviveram com o Pe. José Comblin sempre se impressionaram com sua lucidez, competência, experiência, informação, delicadeza, ecumenismo, empatia e coragem. Acima de tudo, era um homem de fé e oração. Uma fé alimentada pela caridade, que escolheu os pobres como cerne da sua missão; uma oração – sobretudo a ruminação da Palavra e a celebração da Eucaristia – que o tornava íntimo de Deus e dos homens.

Tudo o que fez o Pe. Comblin era um imperativo do Evangelho e da Igreja. Foi de extrema fidelidade, uma fidelidade ao passado da Tradição viva da Igreja, ao presente pela sintonia com a Graça de Deus atuando na humanidade, e ao futuro pelo desejo da plena realização do Reino de Deus. Era disciplinado por uma vida austera, árduo trabalho intelectual e uma espiritualidade robusta. Numa palavra, naquela pessoa que aparentava inquietude, fragilidade e timidez havia um apaixonado pelo Evangelho.

### As críticas

Mas nem sempre as pessoas o viam assim. Muitos achavam-no excessivamente humano, muito voltado para "as coisas do mundo", pouco afeito aos caixilhos da clericatura, perigosamente vizinho das realidades terrestres: um carbonário, um marxista, um revolucionário distante da Doutrina Social da Igreja, alguém de palavras fortes que poderiam provocar divisão em vez de união na Igreja. Ouvia as críticas. Às vezes ele mesmo as provocava para que ninguém fizesse afirmações por modismo. Quando todos começavam a repetir as mesmíssimas coisas, Pe. Comblin às vezes assustava os ouvintes, provocando um contraditório, evitando que a Teologia se tornasse um *leitmotiv*, uma cantilena, um

palavreado, um alarido. E fundamentava cada frase que escrevia ou proferia. Quando foi preciso, foi capaz de mudar.

Quem teve o privilégio de acompanhá-lo de perto, porém, se edificou com o seu testemunho da paz evangélica. Uma paz que muitas vezes conduz a posições radicais. Razão pela qual o Pe. Comblin foi também combatido por quem só o conhecia de longe, pelos conservadores de plantão, pelos seguidores das ditaduras no Brasil e no exterior e, o que mais espanta, combatido por gente da própria Igreja.

**Missionário para e com os pobres**

Mas se há um traço que marcou fortemente e caracterizou sua vida missionária no Brasil e na América Latina foi a sua dedicação a compreender e lutar pelos pobres. Intelectual finíssimo, colocou sua inteligência a serviço dos pobres; sacerdote compassivo, colocou seu amor a serviço da Igreja dos pobres. Identificou-se com o Cristo cercado pelos pequenos deste mundo.

E, no entanto, não descuidou dos ricos! Surpresa? Isso mesmo, o Pe. José Comblin não excluiu os ricos da sua ação evangelizadora. Ele nos mostrou que os ricos podem ser tocados pela Graça de Deus e realizar a vocação comum de todos os que anseiam pelo Reino pregado por Jesus Cristo: "Bem-aventurados os pobres... porque deles é o Reino dos céus" (Mt 5,3).

**O que é um rico?**

Convém fazer logo uma observação. Há ricos e ricos. O que chamamos de ricos no Brasil? A pobreza no nosso país é tão grande que alguém que tiver um emprego fixo, ainda que modesto, possuir uma residência, conseguir educar os filhos e tirar férias de vez em quando é considerado uma pessoa rica. Mas ao lado dessas pessoas há outras bem diferentes. São aquelas que buscam acumular imensas fortunas, expandir sem limites as suas posses, até mesmo usando expedientes desonestos, e ainda por cima gostam de se exibir na beleza física, no vestuário, na alimentação, nas viagens, nas relações sociais etc. A menos que sejam fruto de alguma herança, as grandes fortunas geralmente são produto de exploração. Pode até haver quem se torne rico pelo trabalho, mas são exceções. Não é nenhuma maldade em se

perguntar sobre as origens das grandes fortunas. O relacionamento entre alguém (ou uma corporação) e a riqueza pode conduzi-la a um total desequilíbrio, uma verdadeira doença, uma desumanidade. A ética do Sermão da Montanha, resumindo uma longa tradição sapiencial das Escrituras, já advertia: "Onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração" (Mt 6,21).

**Os ricos devem ser evangelizados?**

Evidentemente esses ricos também devem ser evangelizados, a começar por uma pedagogia que lhes possibilite retornar ao processo da hominização, tal é a distância em que ficaram da humanização. Tanto quanto a miséria, a riqueza em demasia geralmente abole a dignidade de um ser humano. Vale aqui a recomendação de equilíbrio que lemos em Provérbios: "Não me dês nem riqueza e nem pobreza, concede-me o meu pedaço de pão; não seja eu saciado, e te renegue, dizendo: 'Quem é o Senhor?' Não seja eu necessitado e roube e blasfeme o nome de meu Deus" (30,8-9; cf. também Dt 6,11-12; 32,15).

Pe. Comblin vai se dirigir a uma outra realidade, a uma riqueza que pode ter um sentido positivo, porque totalmente voltada para o serviço dos pobres. Vai trabalhar com a riqueza a partir do universo do pobre. E vai mostrar que há lugar para o rico na vida da Igreja. Responderá a uma pergunta bem antiga, já formulada, por exemplo, por Clemente de Alexandria (ca.150-215), que compôs um pequeno tratado, ou uma homilia a partir de Mc 10,17-31, conservada na tradução latina: *Quis dives salvetur?* (Que rico se salvará?).

O pensamento do Pe. Comblin sobre esse tema pode ser encontrado tanto no seu *Comentário aos Atos dos Apóstolos* (I-II). Petrópolis: Vozes, 1989, quanto no artigo *Ricos e Pobres nos Atos dos Apóstolos* (Vida Pastoral, maio-junho de 2001, pp. 2-9).

Se tomarmos como referência a data do artigo, ao publicá-lo o Pe. Comblin contava 78 anos de idade, 54 de sacerdócio e 43 anos de trabalho no Brasil e América Latina. Conheceria ele todos os nossos problemas? Certamente que não, mas ele já tinha passado por muitos e muitos anos de observação e estudos, circulou bastante pelo continente, conhecia pessoalmente pessoas e comunidades dos centros urbanos, mas também do interior, dos campos e das montanhas, pode fazer sondagens muito amplas, tinha muitas obras publicadas, recebeu críticas, dialogou bastante, refinou seus conhecimentos, de tal

forma que podemos chamá-los "textos de maturidade". Por isso são publicações que se impõem a quem deseja conhecer seu pensamento e a experiência de um missionário que viveu intensamente o pré e o pós-II Concílio do Vaticano, tendo inclusive colaborado nas Conferências Episcopais de Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007): um notável e qualificado patrimônio de experiência, reflexão e ação pastoral!

**Passo a passo com o Pe. Comblin**

1. Ao estudar os evangelhos, que são o coração da Teologia, Pe. Comblin faz uma constatação a respeito da obra lucana (Lc-At). Por refletir um texto mais tardio, o autor do terceiro evangelho externa uma situação histórica que se pôs para a Igreja nascente: o pluriclassismo. A Igreja que nasceu no meio de classes de pessoas predominantemente bem simples (pescadores, pastores, artesãos, enfermos, viúvas etc.), com o passar dos anos, mais exatamente a partir da segunda metade do primeiro século já tinha em seu grêmio um certo número de pessoas mais abastadas oriundas de vários estamentos do império, desde algum rico que patrocinasse a publicação dos textos bíblicos (as publicações eram custosas) até membros influentes da política imperial. Havia ricos bons, como Barnabé (de boa formação, dono de fazenda, viajado), Manaém (colega do tetrarca Herodes), Tabita (que dava muitas esmolas), Cornélio (centurião), Sérgio Paulo (pró-cônsul), Lídia (comerciante de púrpura)... e ricos maus, como o casal Ananias e Safira, o mago Elimas, os donos da jovem escrava de Filipos, os amotinados do riquíssimo santuário de Ártemis em Éfeso... Claro que os apóstolos eram pobres, "não tinham ouro nem prata" (At 3,6). Mesmo aparentando "homens sem instrução, homens do povo" (At 4,13), na verdade tinham um poder muito superior ao dinheiro, o poder de instaurar uma sociedade "curada" e não mais "enferma". Não por força de ideologias, mas pela virulência evangélica, pela força do nome de Jesus, o Nazareu. Logo, os apóstolos aceitam que têm uma riqueza. Não têm os ouropéis da prestidigitação – hoje diríamos das manipulações e exibicionismos televisivos – mas têm uma riqueza superior a qualquer bem deste mundo. Por isso os missionários de Jesus podem ser doadores. E já

ensinam: o rico é um doador, é um despenseiro, não é um acumulador, é quem efetivamente se compromete a compartilhar o que tem. Logo, a riqueza não deve ser simplesmente depreciada. Se isso for verdade, a Igreja-comunidade que Jesus constituiu a partir dos pobres e para a libertação dos pobres, precisa de muitos e muitos ricos.

2. O Evangelho tem um poder de sedução que atingiu a todos, inclusive os ricos. E quais teriam sido as motivações que atraíram os ricos para se converterem ao seguimento do Pregador da Galileia? Não há de ter sido simplesmente a pobreza. É mais provável que tenha sido a simplicidade do cristianismo, longe das contaminações de tantos aspectos degradantes de religiões esclerosadas. O cristianismo teve algo de realmente novo: pela primeira vez na bacia do Mediterrâneo os escravos e os senhores aceitaram sentar-se juntos numa mesma mesa, deixaram-se julgar pela mesma Palavra, comeram o mesmo pão e beberam o mesmo vinho. Essa comensalidade era impensável até então. Quem estivesse à procura de uma vida feliz sentiu-se seduzido pela transformadora simplicidade cristã.
3. A obra lucana aponta para uma utopia de vida comum, onde a ênfase consiste na partilha dos bens, fato que costuma assustar a todos, mas sobretudo aos ricos. Do ponto de vista prático, para os ricos, em que consiste a partilha dos bens? A teologia lucana indica a esmola. Mas na teologia lucana a palavra esmola tem um significado diferente da nossa prática atual, pois dar esmola transformou-se em parte insignificante da riqueza, muitas vezes não passa de um desencargo de consciência, em nada alterando a vida de quem doa, um descarte de supérfluos. Ora, para a comunidade cristã primitiva a esmola é bem mais séria: os ricos são chamados a fazer doações que lhe altera o nível de vida. Em que sentido? No sentido que a doação estabelece um equilíbrio de vida, sem acumulação de bens além do necessário, sem a idolatria dos supérfluos e, mais do que isso, coloca os bens individuais ou familiares a serviço da comunidade. É um sacrifício? Altera o padrão de vida? Certamente. Mas não pode haver conversão aos valores evangélicos para proceder exatamente como se o Evangelho não existisse. A riqueza deve ser vista mais como intendência do que como mera posse. O rico teve na sua história os meios de possuir recursos materiais e

capacidades humanas que lhe dá condições de desempenhar uma missão na comunidade eclesial. Há, portanto, espaço para os ricos atuarem dentro da Igreja.

4. A conversão, a entrada de uma pessoa na comunidade cristã não muda repentinamente o seu caráter. Somos todos tributários de estruturas impregnadas como heranças advindas de muitas gerações. "O convertido não é transferido para um mundo separado, puro, impecável, sem defeitos. Continua vivendo neste mundo, participando de suas qualidades e dos seus defeitos, dos seus bens e dos seus limites", ensina realisticamente o Pe. Comblin. Ora, nem todos os seres humanos são iguais, cada qual ocupa seu lugar na vida social e eclesial. As capacidades são desiguais. Mesmo lutando para abolir as desigualdades (portanto injustiças) nas condições de vida, o cristianismo sabe que esta tarefa é uma obra sempre inacabada. Razão pela qual, em todas as sociedades humanas, por mais simples que sejam, há pessoas que lideram e pessoas que são lideradas. O ideal da comunidade cristã é a igualdade (são todos irmãos, têm o mesmo Pai), mas esta não significa uma uniformidade total, e sim a comunidade onde há diversidade de carismas na unidade da fé e da caridade.
5. Entre os carismas, há também o carisma de governar. Há pessoas que têm mais qualidades para governar, com inteligência mais aguda e abrangente, capazes de enxergar o conjunto dos problemas, a diversidade das pessoas e dos recursos em vista de um projeto comum. Sabem orientar as atividades de todos em função de uma obra comum. Pessoas dotadas de energia capaz de dinamizar os outros, dissipar as oposições, resistir ao desânimo, conduzir um projeto ao resultado final. Ora, poucas pessoas têm essas qualificações. Felizes os grupos e as sociedades que sabem descobrir essas personalidades e entregar-lhes a liderança para que exercitem tais capacidades.
6. Deixando de lado a retórica, a experiência cotidiana mostra que é muito difícil uma pessoa pobre adquirir essas qualidades. É verdade que isso pode acontecer, mas pode não ser frequente; supõe um estágio avançado de trabalho pedagógico e pastoral, que nem sempre pode ser esperado no curto prazo. Essas habilidades supõem um lastro de preparação que vai além da inteligência e vontade individuais. Pe. Comblin relata suas observações de muitos anos: "A experiência de comunidades populares, assentamentos, associações de vizinhos, comunidades de pequenos produtores,

cooperativas e comunidades eclesiais de base mostra que, em muitos casos, não conseguem sobreviver por falta de união resultante da falta de liderança sólida, ou caem na dependência de um líder popular forte que monopoliza o poder, e inconscientemente se apega a esse poder que nunca largará – eliminando do grupo todos os potenciais concorrentes". A alternativa acaba sendo: ou nada de liderança ou liderança opressora e redutora. Daí os presidentes vitalícios de fato, que se agarram ao poder com uma teimosia que não admite discussão. Daí as lutas de lideranças para conquistar o poder pelo poder, perdendo o sentido de serviço à comunidade. Nenhum grupo subsiste sem apoio de liderança esclarecida, decidida, abnegada, perseverante.

7. É preciso evitar o espontaneísmo e o mito da comunidade do povo criador que encontra em si mesmo o seu princípio de ação, baseado apenas numa vontade comum. Nenhum empreendimento ou sistema social ou pastoral funciona por pura virtude de associação. Deixando de lado as exceções, geralmente as crianças pobres são tão desfavorecidas que quando chegam à idade criativa, a partir dos 25 anos ainda são tímidas, indecisas, pouco ousadas, receosas de exercer a autoridade ou a liderança. Os ricos, ao contrário, são tão favorecidos que têm a chance de se prepararem para esse exercício. Mas aqui entra o papel da educação. Se os pobres tiverem acesso à educação, terão um futuro diferente daquele que o mundo costumeiramente lhes traça. E acontece que há jovens ricos (talvez a maioria) que, mesmo com todas as chances de uma boa educação, nunca foram realmente educados, isto é, detiveram-se na barbárie na fruição de seus privilégios. A história mostra, contudo, que muitos se despertaram para uma vocação verdadeiramente humana e cristã, convencidos de que o que receberam se destina ao serviço e proveito de todos. Por isso a maior riqueza, hoje, se chama educação. Se por um momento pudermos evitar o preconceito com o vocábulo "rico", tal como está sendo usado, é a educação que define os ricos: os que receberam educação abrangente: "capacidade de compreensão, informação ampla, capacidade de expressão e de reflexão, capacidade de visão do futuro, de ação e de segurança, vontade perseverante e dedicação aos outros". Educação, portanto, não é somente escolaridade. Barnabé, hoje, seria um executivo, formado em relações humanas ou em comunicação social.

A sua maior riqueza seria sua capacidade profissional. "O desafio seria: como colocar essa riqueza a serviço do povo cristão?"

8. Vivemos numa sociedade extremamente complexa, ainda não a entendemos bem, estamos no início de uma aprendizagem. A pergunta é: De que maneira os ricos contemporâneos poderiam colocar seus bens e talentos a serviço dos pobres? Distribuir os bens, como fazia Barnabé, poderia não passar de um paliativo momentâneo. Os ricos que têm visão do mundo e nele estão inseridos poderiam ser chamados a colaborar para que os pobres se organizem. Isso será fácil? Não, haverá problemas para convencer os ricos a se tornarem servidores, e haverá problemas para os pobres aceitarem tal serviço. O que mais importa não é um querer copiar a vida do outro, é cada qual saber colocar seus dons a serviço de um projeto comum. E haverá ainda um problema adicional: o do clero que poderá desejar controlar uns e outros e, em vez de estimular, anular o diálogo das capacidades. A Conferência de Medellín, num momento histórico muito significativo de nosso continente, em vez de fomentar a luta de classes, procurou incentivar esse mútuo enriquecimento.

Que a Igreja dos pobres, ao mesmo tempo que denuncia os ricos exploradores, seja capaz de tornar cada vez mais universal o seu amor para acolher os ricos que se deixam permear pela Palavra de Deus e os evangelize, chamando-os não para temer ou competir, mas para participar ativamente da Igreja dos pobres, onde "os maiores" são os que se dispõem a servir (Lc 22,24-27; Mc 10,45).

***Referência***

*(Extraída de gravação, esta síntese de Domingos Zamagna guarda o caráter de exposição oral)*.